

O PROGRAMA COMPLETO DA DESORDEM: VIDAS NEGRAS, A FRANCA REBELIÃO E O DESEJO DURADOURO DE MUDAR O MUNDO

Resenha do livro de: HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

Fernando Boppré¹
Marília Amorim²

Um livro com formas rebeldes e experimentais. De uma parte, vidas singulares imersas nos guetos da Filadélfia e de Nova Iorque na virada do século XIX para o XX. De outra parte, o próprio modo de contar estas histórias produz um efeito revirada, uma obra audaciosa e tenaz capaz de revigorar as ciências humanas. É interessante que tal movimento venha do campo das letras — área de formação e docência de Saidiya Hartman. Afinal, as artes não apenas são objetivos de pesquisa para a história ou a antropologia; de fato, elas inventam novos modos de pensar, adicionam elementos até então imponderáveis no estabelecido.

Saidiya Hartman tem bacharel em ciências pela Universidade de Wesleyan (1984) e um PhD pela Universidade de Yale (1992). Foi bolsista de diversos programas como Fulbright, Rockefeller, Whitney Oates e MacArthur. Entre os anos de 1992 a 2006, lecionou no Departamento de Inglês e Estudos Afro-Americanos da Universidade da Califórnia, em Berkeley. No ano seguinte, em 2007, ingressou no corpo docente da Universidade de Columbia, onde atualmente é professora no Departamento de Inglês e Literatura Comparada. Recebeu prêmios como o *Narrative*

1 Formado em Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), autor dos livros *Poço Certo* (Caiaponte Edições, 2020) e *Sándor Lénárd no fim do mundo* (Humana, 2022). E-mail: fernando.boppre@gmail.com.

2 Formada em Licenciatura em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), mestranda e bolsista CNPq em História social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: mamorin1997@gmail.com.

Prize da *Narrative Magazine* e o Gustav Myers de Direitos Humanos. Ela é ex-diretora do Instituto para a Pesquisa em Gênero e Sexualidade da Universidade de Columbia e foi *Whitney Oates Fellow* na Universidade Princeton (2002), *Cullman Fellow* na Biblioteca Pública de Nova Iorque (2016–2017) e *Critical Inquiry Visiting Professor* da Universidade de Chicago (2018).

Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais (2022), publicado nos Estados Unidos pela editora W. W. Norton & Company, de Nova Iorque, em 2019, foi prontamente transposto para o Brasil, com tradução de Floresta, pela Fósforo, novo selo editorial criado em 2021 por Fernanda Diamant, Luís Francisco Carvalho Filho e Rita Mattar. Se o objetivo da editora é contribuir para a expansão do horizonte cultural e do debate público brasileiro, compondo seu catálogo com autores(as) nacionais e estrangeiros(as), como está escrito em seu *website*,³ a tarefa tem sido cumprida à risca e com méritos.

A mesma Fósforo já havia editado, dentre os seus primeiros títulos, *O cometa* (2021), do sociólogo e escritor estadunidense W. E. B. Du Bois, com tradução de André Capilé e Cecília Floresta, que conta com um importante ensaio de Hartman, *O fim da supremacia branca* (2021). Primeiro nome confirmado para a edição da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) de 2022, seus títulos vêm arrebatando o pensamento histórico e literário brasileiro. Autora de *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão* (2021), publicado no Brasil pela Bazar do Tempo, com tradução de José Luiz Pereira da Costa, a professora da Universidade de Columbia tem colocado no horizonte existências e paisagens outrora omitidas ou deliberadamente apagadas.

É interessante observar os elementos pré e pós-textuais de *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. Em primeiro lugar, ela nos coloca um imenso título, dividido em cinco partes por vírgulas e dois pontos. Uma extensão corajosa para se intitular um livro, mas necessária, posto que não deixa de fora nada do que é fulcral à compreensão de suas ideias. São vidas negras e *queers*, desviantes da norma e da moral vigentes, intimidades vindas do gueto e da resistência. Como diz a epígrafe extraída de Nella Larsen: “Ela era, como sabia, de uma forma estranhamente indefinida, um fator perturbador” (p. 7).

Após o sumário — que é seguido de uma importante anotação sobre o método, que iremos abordar mais à frente — surge a lista das personagens que aparecerão ao longo do livro. Como em uma notação teatral que antecede os atos e as cenas, é ali que desfilam nomes como Mattie Jackson, Mamie Shepherd, Katty Clayton, Fanny Fisher, May Enoch, Gladys Bentley, Jackie Mabley — o bando desordeiro de anti-heroínas do livro. Há também os vilões, alguns deles estão no lado da lei. Junto a cada

3 As informações sobre a editora podem ser encontradas, disponível em: <https://www.fosforoeditora.com.br>. Acesso em: 09/10/2022.

nome, aparece uma pequena descrição, por exemplo: “Robert Thorpe: um homem branco que agarra May Enoch e bate em Arthur Harris” (p. 16).

Mais à frente, no corpo do texto, quando se embrenha nas histórias sórdidas da opressão branca na Filadélfia, toma-se conhecimento de que Arthur Harris era um policial à paisana que tinha por prática estuprar mulheres negras. Após agarrar May Enoch pelo braço, agrediu o marido dela, Arthur Harris, que tentava defendê-la. Harris, ao reagir, esfaqueou Robert Thorpe, fazendo com que caísse morto na sarjeta. A partir de então, foram dias de linchamento e terror aplicados ao povo negro das ruas e vielas do Quinto e Sétimo distritos, uma cruel onda de violência sobre quem era apartado pela “linha de cor”.

Este conceito, extraído de W. E. B. Du Bois,⁴ que é utilizado repetidas vezes ao longo do livro, ajuda a corrigir uma noção que a disciplina da história costuma difundir nos bancos escolares e até mesmo nas universidades. A ideia de que a geografia histórica dos Estados Unidos é dividida pelo sul escravista e segregador em oposição ao norte abolicionista e liberal. Pois bem, o livro expressa que decididamente os fatos não se deram dessa maneira. Em termos jurídicos, uma série de leis segregacionistas foram estabelecidas após a abolição em 1865, como as leis Jim Crow, que vigoraram entre 1877 e 1964 em diversos estados, estabelecendo o princípio de “separados, mas iguais”.

O país que gosta de se fantasiar como o berço da democracia e da liberdade, é o mesmo que constituiu um arcabouço jurídico legitimador da segregação nas escolas e universidades, nas forças armadas, nos transportes e nos serviços públicos em geral. E que hoje possui um “inventário de violências” (DU BOIS; HARTMAN, 2021, p. 55), um “atlas de um mundo em chamas” (Ibid., p. 57) a ser recontado e remontado, como bem e justamente o faz Saidiya Hartman, ao lembrar um episódio descrito por W. E. B. Du Bois, sobre o trucidamento de Mary Turner ocorrido na Geórgia em 1918:

Mary Turner ousou dizer que o assassinato de vários homens, incluindo seu marido, tinha sido injusto e que ela denunciaria as pessoas que participaram da turba que havia linchado seu marido e conseguiria mandados expedidos contra elas. Ela foi pendurada em uma árvore perto da ponte sobre o Little River. Então a embebedaram em diesel e gasolina e puseram fogo. ‘Ainda viva, uma faca, evidentemente uma daquelas usadas para abater porcos, abriu seu abdômen, e um nascituro caiu de seu útero até o chão. O bebê prematuro chorou debilmente duas vezes e então teve a cabeça esmagada pelo salto do sapato de um membro da multidão. Centenas de balas foram disparadas contra o corpo da mulher, agora misericordiosamente morta, e o trabalho estava feito’ Du Bois acreditava na importância de contar esse tipo de história. Em retrospecto, ele explicaria essa convicção (a crença de que argumentos inteligentes e juízos razoáveis poderiam derrotar o racismo) como uma consequência de não ter lido a psicanálise. Ele ‘não era freudiano

4 Segundo a autora, “linha de cor” descreve “[...] a desigualdade racial como um fenômeno que opera em escala global [...] um conjunto de mecanismos de exclusão de populações não brancas que está na base da manutenção do poder político, econômico e ideológico do grupo racial branco” (p. 29).

o suficiente para entender como as ações humanas são muito pouco baseadas na razão' ou para aprender o profundo investimento psíquico empregado no racismo, algo que outros descrevem como a economia libidinal de um mundo antinegro (Ibid., p. 58-59).

Após emigrarem de estados sulinos como Alabama, Georgia, Carolina do Norte ou Virginia para grandes cidades do norte como Chicago e Nova Iorque em busca de trabalho assalariado e do ideal da liberdade — já que no sul, mesmo após a abolição, a maior parte da gente negra trabalhava por casa e comida, numa continuidade imoral da maquinação econômica da escravidão — as coisas não mudavam substancialmente. Era a evidência do “alcance da *plantation* no gueto” (p. 48). Para as mulheres, a situação era ainda pior: ao chegarem aos portos e estações, eram insultadas e muitas vezes aliciadas para o tráfico sexual: “não há nenhum futuro mais brilhante pela frente, nenhuma oportunidade para garotas de cor a não ser a vassoura e o esfregão ou abrir as pernas nos tempos mais difíceis” (p. 29).

A partir de uma fotografia em albumina de Thomas Eakins, pertencente ao acervo da Academia de Belas Artes da Pensilvânia, “que mede 3,65 X 6,20 centímetros; seu tamanho diminuto anuncia seu status menor” (p. 44), de uma adolescente negra nua reclinada num sofá com arabescos cujo nome foi rabiscado — “um nome é um luxo que ela não pode se permitir” (p. 35) — Saidiya Hartman se detém nas possibilidades e perigos à espreita de jovens negras nas primeiras décadas do século XX.

A dimensão ética com que a autora lida com as imagens selecionadas no estudo é louvável. De partida, faz questão de cortar a referida fotografia: os seios da menina não aparecem, apenas seu rosto e cabelos trançados e separados como uma odalisca.⁵ Hartman reconhece que se trata de um retrato obtido sem o consentimento da modelo: “não é o tipo de fotografia de que ela gostaria e não foi tirada a seu pedido” (p. 44). Esta sensibilidade lhe autoriza a editar as imagens, manipulando-as de modo original e ético.

As demais fotografias, gráficos, gravuras e desenhos ao longo do livro surgem, umas após as outras, intercaladas entre dezenas de páginas, sem uma legenda sequer abaixo delas. De partida, o efeito desta ausência de texto explicativo pode ocasionar uma desorientação. Mas talvez esse seja o melhor efeito para o momento: que se observe a resplandecência da imagem por si, o que ela tem a contar como “máscara mortuária” (sentido etimológico originário do termo *imago* em latim). Se o(a) leitor(a) se der ao trabalho de percorrer todo o livro, encontrará ao final uma seção destinada aos créditos das imagens, algumas delas com comentários sagazes como “nas ilustrações nos jornais, elas eram apenas mulheres negras sem feições, desenhadas de modo a negar sua humanidade, corpos sem rosto arrastados pela rua” (p. 413).

5 “A odalisca, uma imagem de um nu reclinado, combina duas categorias distintas da mercadoria: a escrava e a prostituta” (p. 44). Esta mesma imagem, sem cortes, com os seios expostos, já foi utilizada na capa de um outro livro, *Black Venus*, da autora Angela Carter, publicado em 1985 pela Saint and Strangers, nos Estados Unidos. Apesar de ser uma autora feminista (branca), Carter não teve o cuidado de preservar o corpo adolescente na capa de sua obra.

A fotografia de Thomas Eakins, em especial, representa para o pensamento da autora, o oposto daquilo que ela procurava encontrar, mas que acabou se tornando uma constante nos milhares de imagens que passaram diante de seus olhos durante a pesquisa. Não era sua vontade expor registros fotográficos de linchamentos ou da miséria dos guetos; ao contrário, queria localizar mulheres negras dissonantes das fotografias tradicionais das violências aplicadas aos corpos negros, que representassem “os experimentos da liberdade desenvolvidos na sombra da escravidão [...] um antídoto necessário para as costas açoitadas, os olhos marejados, os corpos despídos e marcados ou tornados grotescos para o prazer da branquitude” (p. 37).

Ao observar a fotografia, podemos discernir a *sinfonia da raiva* residindo na figura capturada. É uma imagem que não posso nem reivindicar nem recusar. Confesso que é um lugar difícil para se começar, com a declaração de que a violência não é uma exceção, mas define o horizonte da existência dela. É preciso reconhecer que *nunca fomos destinadas a sobreviver*, mas ainda assim estamos aqui. O emaranhado de violência e sexualidade, de cuidado e exploração, continua a definir o significado do que é ser negra e mulher (p. 49).

Outra potência do texto de Hartman se encontra nas notas que são dispostas ao fim do livro. A opção por não as apresentar no rodapé possibilita uma leitura *a posteriori*, como se fosse uma outra camada de texto, uma partitura complexa onde estão grafados os acordes e as origens do conjunto. O caráter heterodoxo das referências é evidenciado nas citações bibliográficas, artigos acadêmicos, filmes, álbuns fotográficos, jornais, processos judiciais, diários que mostram a extensão e profundidade da pesquisa. Nesta citação acima, por exemplo, após as duas marcações em itálico feitas pela própria autora, encontram-se notas que remetem à obra da poeta e ativista Audre Lorde, nome fundamental para se pensar o feminismo negro tanto no contexto acadêmico quanto na esfera social estadunidense e alemã.⁶

A força do livro de Hartman se encontra tanto na radicalidade de sua crítica contra o mundo hostil que a branquitude engendrou contra as vidas negras quanto nas singularidades e potências que ela consegue descobrir nas histórias registradas. A autora se detém tanto em descrições em grupo — “meninas ligeiras reunidas na esquina cantarolando o último rag” (p. 23) — quanto em indivíduos como o “luxuoso e pródigo” (p. 213) artista Gladys Bentley ou a sonhadora Mattie Nelson que fez das “ruas e salões de dança [...] seus melhores amigos” (p. 73).

6 Audre Lorde passou os últimos anos de sua vida em intensa atividade em Berlim, criando o movimento afro-alemão e estimulando as mulheres negras alemãs a se reunirem. Para saber mais, indica-se o filme *Audre Lorde: The Berlin Years - 1984 to 1992*, de Dagmar Schultz (2012).

Uma das seções mais importantes do livro é a sua breve, mas indispensável nota sobre o método, que abre a publicação: “todas as personagens e os eventos apresentados neste livro são reais: nada foi inventado” (p. 12). Uma leitura apressada poderia classificar a escrita de Saidiya Hartman como ficcional. Embora muitas vezes recorra às técnicas da escrita literária, estamos diante de um estudo histórico, elaborado por uma pesquisadora e professora da área das letras.

No primeiro parágrafo, informa: “este livro recria a imaginação radical e as práticas rebeldes dessas jovens ao descrever o mundo através dos olhos delas” (p. 11). Há, portanto, um exercício de deslocamento em direção ao ponto de vista do outro, mas não se trata apenas disso. Ela se aprofunda em “uma narrativa escrita de lugar nenhum, do não lugar do gueto e do não lugar da utopia” (p. 11) que resulta em um experimento de escrita que transforma discurso indireto em discurso direto: “minha abordagem especulativa e imaginativa é baseada nas pesquisas de arquivos e em uma atenção rigorosa às fontes” (p. 353). Não obstante, surgem as dificuldades de quem se dedica a historicizar vidas desposuídas, subalternas e escravizadas: é preciso enfrentar “o poder e a autoridade dos arquivos e os limites que eles estabelecem em relação àquilo que pode ser conhecido” (p. 11). Diante da ausência e da fragmentação das fontes sobre estas pessoas, a autora se dedicou à tarefa recriar vozes e dimensões de suas vidas íntimas a partir de poucos vestígios:

o que eu sei da vida dessas jovens foi apurado em registros de cobradores de aluguel; pesquisas e monografias de sociólogos; transcrições de julgamentos; fotografias do gueto; relatórios da delegacia de costumes; assistentes sociais e oficiais de condicional; entrevistas com profissionais da psiquiatria e da psicologia; e autos de prisão – e em todos esses documentos elas são representadas como um problema (Ibid., p.12).

Cabe assinalar a coragem do método de Saidiya Hartman: ela não se deixa vencer pelos arcontes⁷ que negaram às histórias negras o direito aos arquivos. A partir de outras fontes e de um singular manejo de ferramentas provindas da literatura e da crítica literária, recria a experiência sensorial dos cinturões negros do período, a “rica paisagem da vida social negra” (p. 11). No ensaio *O fim da supremacia branca*, Saidiya Hartman definiu o conto *O cometa* como uma “ficção especulativa” (DU BOIS; HARTMAN, 2021, p. 58). O gênero da distopia de Du Bois é elucidativo dos procedimentos que a autora utiliza em *Vidas rebeldes, belos experimentos*.

No conto de Du Bois, um cometa atinge o planeta e na cidade de Nova Iorque sobrevivem apenas um homem negro e uma mulher branca. Jim, mensageiro de um banco, encontrava-se nas catacumbas da corporação bancária no momento do choque. Ao sair pelas ruas de Nova Iorque, pela primeira vez se depara com a ausência do medo e com a experiência da liberdade – uma liberdade paradoxal já que surgida do momento em que todos padecem: “como se o cerco da negritude só pudesse ser

7 Utilizamos aqui o termo “arconte” na acepção proposta por Jacques Derrida em referência a Grécia Antiga, que diz que arquivo: “remete ao *arkhê* no sentido nomológico, ao *arkhê* do comando” (DERRIDA, 2001, p. 12) sendo os arcontes aqueles que comandavam, os guardiões dos arquivos.

rompido e sua casta abolida com a destruição do mundo” (Ibid., p. 71). Quando encontra Julia, a mulher branca a sobreviver, ele volta a sentir o temor e conclui que no dia anterior ela sequer o teria olhado. É aqui que vemos Saidiya especulando:

Ninguém que o olhasse casualmente diria algo como ‘figura imponente’, nem perderia um momento sequer se perguntando sobre a posição dele no banco; palavras como *desocupado, relaxado, indomado* ou *servir* resvalam nas beiradas curvas da consciência (Ibid. p. 45).

A terceira e última parte de *Vidas rebeldes, belos experimentos* se fundamenta na abordagem dos dispositivos de segregação de corpos negros, em especial das leis e ferramentas utilizadas para sua manutenção e execução. Hartman constata que a polícia não era somente instrumento de vigilância, mas também de decisão arbitrária sobre até onde se estendia a liberdade dessas vidas. As histórias de jovens negras e queers na virada do século XIX para o XX e seus estilos de vida, dialogam com o pensamento anarquista. São existências que se utilizam de práticas libertárias, mesmo que não tenham mantido contato com qualquer obra e/ou teorias revolucionárias.

A principal lei apresentada pela autora é a *Lei de menores infratores* cujo objetivo era enquadrar em delitos sexuais pessoas entre dezesseis e vinte e um anos que praticassem qualquer atividade que a polícia considerasse suspeita. Se estivessem em um lugar noturno, propício à prostituição ou acompanhadas de pessoas categorizadas como desajustadas, eram sumariamente detidas. Em seguida eram julgadas e se iniciava o cumprimento da pena no reformatório, durante um período de três anos. Essas mulheres, em sua grande maioria, não haviam cometido qualquer delito, mas a lei era interpretada para aprisioná-las não pelos seus crimes, mas pela possibilidade de realizar um, ou seja, eram presas de modo preventivo.

Este dispositivo jurídico tinha como alvo um público específico e um objetivo claro. Era uma lei segregacional e sexista, pois “apenas mulheres jovens foram julgadas como delinquentes sob esses estatutos (1882 e 1925)” (p. 236). Se uma garota estivesse dançando em uma boate e houvesse uma interpretação de possível imoralidade ou situação moralmente depravada, seria levada ao reformatório e cumpriria a pena de três anos. A maioria das prisões ocorreram sem que houvesse qualquer tipo de infração de fato. Eram, em sua maioria, especulações e hipóteses criadas pelos policiais. Isso ocorria pois a polícia detinha o poder de escolher manter a pessoa em liberdade ou não, pois os depoimentos eram usados como provas durante os julgamentos.

As fontes documentais utilizadas por Saidiya Hartman demonstram como se tratava de um dispositivo de vigilância e disciplinaridade fadado à corrupção, onde a imposição do prestígio daqueles que utilizavam farda e bota eram suficientes para decidir o futuro destes corpos ditos rebeldes. Na obra de Hartman, estas mulheres e queers negras se transformam em exemplos de adaptação às circunstâncias, resistência às imposições e de lutas contra as opressões. Deliberadamente, rejeitaram as escolhas que os rastros da escravidão, a manutenção da segregação e o racismo haviam deter-

minados para suas vidas. São corpos que ousaram resistir quando o sistema fez de tudo para tentar fazê-las desistir.

Se a dança, por um lado, era parte da desordem e era uma ação que poderia colocar fim à liberdade, por outro, era também um ato de resistência, pois essas jovens continuavam a encher os espaços noturnos e dançar a noite toda. Para estes corpos, dançar não era somente uma maneira de se divertir ou trabalhar, mas também um ato de resistência. Um corpo negro dançando era um ato revolucionário. Mesmo havendo uma lei específica para encarcerar a juventude negra, as garotas ainda faziam de suas vidas belos experimentos.

São histórias de vida que se aproximam em diversos momentos do pensamento da anarquista Emma Goldman,⁸ demonstrando que as propostas teóricas foram colocadas em prática somente pelo fato de existirem. As escolhas sexuais, a cor da pele, as roupas e os atos de recusa fizeram dessas vidas um palco anárquico. Na obra, encontramos o amor e o desejo sexual de corpos que escolheram não serem governados, que fizeram de suas existências um manifesto político, tão bom ou até melhor do que os imaginados por Goldman. O modo de amar e se relacionar construíram suas liberdades e estabeleceram outros arranjos: amores lésbicos, relacionamentos não-monogâmicos, relações queers, relações sexuais com desconhecidos(as), orgias e demais modos de amar pouco convencionais diante das normas.

No livro se encontram ainda histórias íntimas de pessoas que transformaram o próprio corpo em arte, que trabalhavam na vida noturna, mesmo sabendo dos riscos associados ao meio artístico no período, criando assim uma recusa ao trabalho forçado e análogo à escravidão. Vidas, como a de Billie Holiday, citada por Hartman, que se colocaram diante do perigo e criaram possibilidades de viver de maneira diferente do que a branquitude estabelecia como vivência desde a escravidão. Algumas mulheres de cor também buscavam a desordem como forma de resistência. A encrenca criava novas alternativas e estéticas de vida, tornando a luta algo capaz de ser realizado em esferas distintas, seja no amor, na recusa do trabalho ou na ousadia de sonhar com uma vida diferente.

Muitas dessas jovens não aceitavam o lugar que haviam sido destinados para elas e com isso impunham serem tratadas como as garotas brancas. Mesmo as garotas que já estavam nos reformatórios não aceitavam os maus tratos e o tratamento diferente que as garotas brancas recebiam, buscavam sempre denunciar as torturas nas prisões, criavam manifestações e gritavam. Eram vozes que não silenciaram diante da prisão. O contato destes corpos com o poder produziram documentações, que hoje Hartman utiliza como fonte para (re)escrever essas vidas e nos mostrar que o poder sempre vem acompanhado de resistência e rebeldia que estabelecem novas engrenagens para o mundo.

8 Para saber mais sobre o tema, ver em GOLDMAN, Emma. *Sobre anarquismo, sexo e casamento*. Tradução de Mariana Lins. São Paulo: Hedra, 2022.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DU BOIS, W. E. B.; HARTMAN, Saidiya. *O cometa + O fim da supremacia branca*. Tradução de André Capilé, Cecília Floresta. São Paulo: Fósforo, 2021.

GOLDMAN, Emma. *Sobre anarquismo, sexo e casamento*. Tradução de Mariana Lins. São Paulo: Hedra, 2022.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

LORDE, Audre. *The Berlin Years (1984 to 1992)*. Direção de Dagmar Schultz. Alemanha: Dagmar Schultz, 2012. (144 min.).